



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

PINTURA COMO INSTRUMENTO DE AUXÍLIO À INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

NASCIMENTO, Edna Ranielly do.
PIBID/Universidade Estadual da Paraíba
niellyfersou@hotmail.com
CABRAL, Juliana da Silva.
PIBID/Universidade Estadual da Paraíba
julianacabralletras@hotmail.com
SILVA, Jobson Soares da.
PIBIC/Universidade Estadual da Paraíba
jobsonsoares@live.com
BARBOSA, Janaína da Costa.
PIBID/Universidade Estadual da Paraíba
janne3010@hotmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Barboza de Lima-UEPB

INTRODUÇÃO

As artes ao longo dos anos misturaram-se entre si, de modo que, atualmente encontramos uma estreita relação entre a pintura e o texto literário. Contudo, o estudo sobre esta relação ainda é muito reduzido. Portanto, o trabalho visa mostrar, através da experiência a ser relatada, que Literatura e Pintura, podem ser abordadas em um mesmo plano temático.

Utilizar-se-á como aporte teórico Koch (2007), que traz um estudo da leitura e compreensão textual sob os aspectos interacionais da língua, Marcuschi (2008), que também aborda os estudos dos gêneros textuais, Santaella (2007), e sua abordagem sobre Semiótica e Strickland (2002), que faz um breve estudo sobre as artes desde a pré-história até o pós-modernismo, no qual abordaremos a fase medieval. Para uma melhor compreensão, o estudo será fragmentado em três partes. A primeira refere-se à metodologia utilizada na pesquisa, a segunda, os resultados alcançados juntamente com as discussões teóricas sobre o tema e por fim, as considerações finais de tudo aquilo que será exposto.

Em suma, o presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência vivenciada no município de Lagoa de Dentro-PB, a partir da oficina de pintura promovida pelo programa do governo federal “Mais Educação”, ao mesmo tempo em



que, busca discutir através da experiência, como, a partir da pintura, os alunos podem revelar suas interpretações de dados textos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na experiência deu-se a partir da pesquisa exploratória e qualitativa em sala de aula. Esta era composta por públicos diferenciados, conforme sexo, faixa etária (11 a 15 anos) e série. Primeiramente foram disponibilizados aos alunos dois poemas: “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade e “Canção do exílio” de Gonçalves Dias.

Na segunda etapa, os alunos foram estimulados a transpor para o papel, as suas impressões sobre o texto. O que diferenciou a aula foi o modo como estas impressões eram expressas, já que, ao invés de utilizar o tradicional meio da escrita, os alunos fizeram uso da pintura. Este meio, além de ser inovador, permite analisar ou avaliar o nível de interpretação textual do público alvo. Isto não significa que a escrita deve ficar em segundo plano, mas que existem outros caminhos para expor a interpretação de um texto.

A terceira etapa consistiu na análise dos desenhos elaborados pelos alunos, associando-os aos textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Strikland (2002) revela que a arte surgiu há mais de 25 mil anos e foi manifesta em diferentes esferas, a mencionar “as pinturas em cavernas e as grandes arquiteturas”. Ao longo dos anos, a arte recebeu influência de diferentes povos, como os egípcios, que valorizavam os hieróglifos em paredes e as esculturas associadas à adoração extrema ao grande faraó e os gregos, que atuavam com a pintura em cerâmica na fase da arte geométrica e as belas esculturas dos deuses no período clássico, além do grande teor artístico produzido por Roma, geralmente associado à política.

Na Idade Média, por sua vez, surgem novas concepções artísticas relacionadas à religiosidade predominante na época.



Enfim, o panorama artístico desenvolvido nessas diferentes épocas serve como base para mostrar que a pintura, desde a época mais remota, tem a finalidade de comunicar algo, mesmo sem a utilização da linguagem verbal. As pinturas antigas em paredes eram reflexos das crenças em determinados deuses, as pinturas em cerâmica na Grécia remetiam as histórias dos heróis ou deuses gregos, assim como as festividades realizadas no país. As estátuas, produzidas pelos gregos, tinham como finalidade revelar os ideais clássicos da própria civilização. Já o império Romano objetivava revelar todo o poderio e conquistas através das artes. Na Idade Média, por sua vez, toda arte estava associada aos ideais cristãos. Conclui-se, portanto, que a pintura não ocorre jamais de forma incomunicável.

A pintura é um dos objetos de estudo da Semiótica, já que como afirma Santaella (2002), o século XX foi palco de duas ciências que cresceram mutuamente, a Linguística, que tem como objeto de estudo a linguagem verbal, e a Semiótica, que se interessa por qualquer tipo de linguagem. Nesta última, a pintura pode ser inserida, pois comunica e estimula diferentes compreensões. Segundo Marcuschi (2008, p.229) “compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho”. Esse pensamento nos faz compreender que o texto não é algo decifrável através de meios naturais, ou uma espécie de “dom” que é transmitido de uma geração a outra, mas algo extremamente interligado à sociedade, e ao processo interativo.

A pesquisa mostra esta relação social e interativa na produção da compreensão de determinados textos. Observou-se que entre 10 a 15 alunos que compunham a turma, todos desenharam e pintaram uma pedra como representante das suas impressões sobre o poema de Drummond. Não obstante, as pedras apresentavam cores e formatos diferenciados. Alguns inseriram mais detalhes, outros não. Houve aqueles que optaram por desenhar a pedra no meio de uma estrada de barro e outros num asfalto. Quanto ao texto de Gonçalves Dias, foi unânime a escolha do Sabiá e da palmeira como objetos representativos da sua interpretação. Alguns recursos foram ignorados, tanto no primeiro, quanto no segundo poema. Koch (2007) contribui com o estudo sobre a compreensão textual,



ao afirmar que recorreremos a quatro conhecimentos dentro da perspectiva interacional, o qual nos interessa apenas o Ilocucional.

O conhecimento ilocucional “permite-nos reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional” (KOCH, 2007 p.46). Presume-se diante de tal afirmação, que os alunos não conseguiram detectar o verdadeiro objetivo de Drummond e Gonçalves Dias, por isso, reduziram o texto ao sentido literal, este, segundo Marcuschi (2008, p.284) “nada mais é que um sentido básico que entendemos quando usamos a língua em situações naturais”. Entende-se que o aluno limita-se a uma interpretação superficial. Para ultrapassar os limites da superficialidade é necessário recorrer à inferência. Observou-se que os alunos analisados apresentaram no dado momento da pesquisa, processos de inferência ainda imaturos. Marcuschi (2008, p.240) nos propicia um conhecimento maior sobre a inferência ao afirmar que:

Uma inferência é a geração de informação semântica velha num dado contexto. Na realidade, as inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica.

Este recurso permite trabalhar com aquilo que não foi dito explicitamente no texto, mas que a partir do seu contexto é possível detectar. A falta da busca pela ilocução e inferência fez com que todos os alunos se enquadrassem numa compreensão sem horizonte, aquela que apenas repete o que está no texto “a pedra, o Sabiá e a palmeira”, não alcançando assim o horizonte máximo “a pedra como símbolo de obstáculos na vida do eu-lírico”, “alguém em várias situações tropeçando em uma pedra”, ou ainda, “desenhar alguém saudoso, representando a saudade do eu-lírico pela terra natal em Canção do exílio”, ou até mesmo “desenhos representando a natureza exuberante em detrimento de uma não tão bonita etc.” Estas são algumas interpretações possíveis, visto que, existem inúmeras outras a serem produzidas.

Mesmo em meio aos entraves encontrados, podemos citar algo positivo. Isto é, os alunos, mesmo sem atingir o horizonte máximo, também não se situaram nos horizontes indevidos, ou seja, não interpretaram elementos que fogem do texto. Afinal, foram representadas pedras de variadas cores e formatos, além do ambiente



que variou entre uma impressão e outra. Portanto, conclui-se que o elemento *pedra* se fez presente em todas as interpretações relacionadas ao primeiro poema, assim como o *sabiá* e a *palmeira* fizeram-se presentes nas pinturas relativas ao texto de Gonçalves Dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura através dos processos inferenciais e ilocucionais ainda são difíceis de serem alcançadas no contexto escolar, devido à visão limitada que o aluno tem sobre o texto. Contudo, foi possível constatar a contribuição da pintura como elemento de avaliação na interpretação textual dos alunos. Através da pintura expressa por cada integrante do grupo, constatou-se que ambos ainda não conseguiram ultrapassar o sentido literal do texto. Isto indica que novos caminhos devem ser percorridos e que nem sempre faz-se necessário utilizar meios escritos para alcançar determinados resultados. Afinal, a pintura é uma forma artística que, apesar de não fazer uso das letras, tem a sensibilidade de comunicar desde o período pré-histórico. Este, definitivamente não é o único caminho para detectar os limites interpretativos presentes na escola, mas com certeza, é um forte concorrente em detrimento de outras ações já desgastadas e que por muito já não surtem tanto efeito.

REFERÊNCIAS

Canção do exílio. Disponível em: < <http://www.horizonte.unam.mx/> > Acesso em 10 de Junho de 2014.

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 3. Parte, 228-279.

No meio do caminho. Disponível em: < <http://noticias.universia.com.br/> > Acesso em 10 de Junho de 2014.

SANTAELLA, Lúcia Pimenta. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada:** da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p. 01-37.
